

Projecto «... o caminho das letras»

Introdução

O Projecto «...o caminho das letras», promovido pelo Município de Amares, Distrito de Braga, e produzido pela Fábrica de Movimentos – Associação Cultural, sediada no concelho do Porto, constitui uma ramificação de um outro projecto, mais alargado, denominado *Porque ler é importante*, promovido pela Associação de Municípios do Vale do Cávado.

Dos objectivos constantes no projecto *Porque ler é importante*, destacam-se os seguintes: “incentivar o gosto pela leitura através de estratégias adequadas à idade” e “adquirir outras formas de comunicação não estereotipadas a partir de técnicas criativas no campo da leitura e da escrita”.

Com base nestes objectivos, a Fábrica de Movimentos propôs ao Município de Amares o projecto «...o caminho das letras», que foi aceite.

«... o caminho das letras», estrutura-se numa descoberta de um caminho que conduz ao encontro entre a oralidade e a escrita e as histórias significativas de uma comunidade.

Todo o projecto foi construído num entremear de actividades, em que foram envolvidas crianças, jovens e idosos.

O projecto organiza-se em quatro ciclos, *interligados e transversais*¹, que foram precedidos por um workshop de preparação dos agentes locais (professores, educadores, profissionais de geriatria, profissionais de biblioteca, entre outros técnicos).

Contextualização

Tendo em conta o projecto *Porque ler é importante*, a população alvo constituiu-se de acordo com o determinado pela Associação de Municípios do Vale do Cávado: “o que se pretende então, não é efectuar intervenções

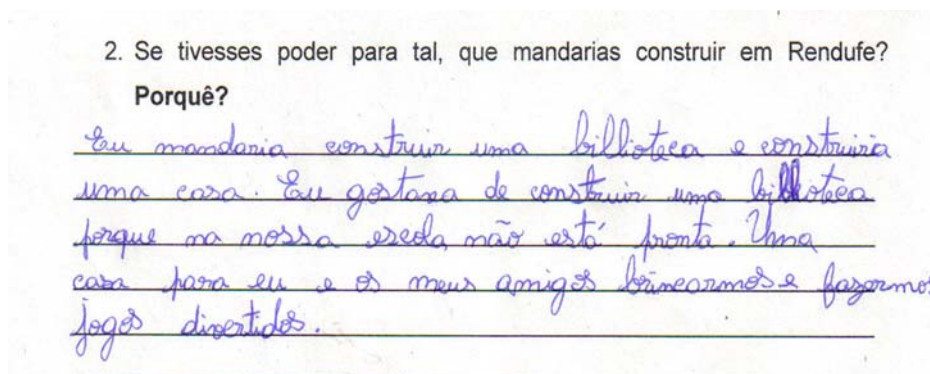
¹ In O Caminho das Letras, projecto concebido pela Fábrica de Movimentos

dirigidas à comunidade em geral, (...), mas sim a um público limitado e definido à partida, que através de acções continuadas o objectivo final seja alcançado – a aquisição de competências de leitura ao incutir o «prazer» de ler” (...) “Os destinatários do projecto são assim, a população infantil, juvenil e idosa oriunda de meios desfavorecidos ou de lugares isolados (...)”.²

O Município de Amares, com uma área de 82 Km², tem cerca de 19000 habitantes,³ e “de acordo com os censos de 2001, a taxa de analfabetismo é de 10,8% e cerca de 40% da população possui apenas o 1º ciclo do ensino básico”⁴.

Amares é um concelho predominantemente rural e pouco dotado de infraestruturas culturais, como por exemplo, bibliotecas. Existem, algumas bibliotecas escolares, mas não existe ainda uma biblioteca municipal.

Ter uma biblioteca, faz parte dos desejos das crianças de Amares, como se pode ver no exemplo seguinte, retirado de um dos trabalhos desenvolvidos no decorrer do projecto:



Foi também com o intuito de preparar e auscultar a população para a abertura de uma biblioteca municipal, que se pôs em marcha «... o caminho das letras»

² In Projecto Porque ler é importante da Associação de Municípios do Vale do Cavado, p.4

³ retirado de <http://www.anmp.pt/munp/mun/mun101w3.php?cod=M4720>, Novembro 2005

⁴ Projecto Porque ler é importante, da Associação de Municípios do Vale do Cávado

Desenvolvimento do Projecto

“A recuperação da memória histórica é essencial para a construção de um futuro novo”⁵

Como melhor cativar para a leitura e para a escrita, do que pela comunicação das memórias próprias de uma determinada população? Foi, portanto, a partir daqui, da valorização do património pessoal e comunitário das pessoas envolvidas, que se iniciou o caminho do prazer da leitura, a partir do contar as suas histórias, no caso dos idosos, e do ouvir as histórias das pessoas mais velhas (no caso das crianças e jovens).

Workshop

Antes de iniciar o contacto com a população com a qual se iria trabalhar, a Fábrica de Movimentos, organizou um Workshop de preparação dos técnicos que diariamente trabalhavam com a mesma. O Workshop teve como objectivo sensibilizar os agentes locais, que se propuseram integrar o projecto, para uma abordagem criativa da leitura e da escrita e para a importância da memória, capaz de sedimentar o *passado comunitário* e construir o futuro com alicerces fundeados numa identidade comum.

Foi também neste último objectivo que se basearam os três primeiros ciclos do projecto.

1º ciclo: “Apresenta-te...”

O 1º ciclo de «...o caminho das letras», denominado “Apresenta-te...”, debruçou-se sobre a recolha de memórias junto dos idosos de três centros de dia locais⁶. Então se recolheram memórias de trabalho no campo, de festas, de cantigas, entre outras, das quais se apresentam as seguintes citações:

“Eu conheço uma amiga minha, que está lá à minha beira, que até teve um prémio! Teve dezasseis filhos (...) e só morreu um.”
D. Rosa – Caldelas

⁵ Petras, James (s/d). *Globalização e Cidadania. Dimensões Política e Social*. Porto: Associação 25 de Abril

⁶ A referir: Centro de dia do Centro Social e Paroquial de Lago, Centro de dia da Santa Casa da Misericórdia de Caldelas e Casa do Povo do Vale do Cavado, em Goães.

A minha vida foi sempre o campo. Desde miúdo, foi o campo. A minha escola foi o campo, ninguém me mandou p'ra aula”
“- A tua escola é uma saca às costas e uma trouxa para ir acartar centos de terra [disse-lhe um tio com quem viveu]. (...) Ganhava dois escudos por dia, mas era por dia! De sol a sol.”
Sr. Adérito – Lago

Neste ciclo, promoveu-se, também, um intercâmbio geracional, tendo os jovens do Clube Desportivo, Recreativo e Cultural Amarense, realizado junto dos idosos, alguns registos.

Do material imagiográfico recolhido durante o 1º ciclo, organizou-se uma exposição de fotografia e uma projecção vídeo, que ficou patente ao público no Posto de Turismo e Informação, do Município.

Como refere Luís Fernandes, “[a sabedoria popular] Consiste normalmente em fórmulas sobre a arte de viver forjadas na dor e na alegria e em todos os sentimentos que fazem parte do passado, não uma memória estritamente cognitiva, como quem relembresse números, mas uma experiência carregada e comovida.”⁷ E foi com consciência da importância de que se revestem estas memórias, da forma como marcam a vida presente, e da aprendizagem que nelas recolhemos – que nos permitiram conhecer e envolver-nos com aquela população que nos era alheia –, que partimos para o 2º ciclo do projecto.

2º ciclo: “Quem se mostra, mostra-se...”

No 2º ciclo, subjacente ao tema “Quem se mostra, mostra-se...” foi a vez das crianças conhecerem (e reconhecerem) as histórias e as cantilenas contadas e cantadas pelos idosos dos centros de dia e que eram também as dos seus avós.

O trabalho insistiu sobre a noção e valorização do património social e individual das crianças, que ultrapassando o material, se fixou essencialmente no património imaterial da história da comunidade.

Assim, para além das conversas em que as crianças evocavam as noções que tinham do seu passado histórico através do que recolhiam junto

⁷ Fernandes, Luís (1999). “Aquilo que o povo sabe” in *O Comércio do Porto*, p.16 de 18 de Agosto

dos seus avós e/ou familiares e vizinhos mais antigos, propôs-se uma actividade fotográfica, para a qual cada criança recebeu uma máquina fotográfica descartável. Foi-lhes pedido que utilizassem as máquinas para fotografar o que consideravam ser o seu património, no local onde viviam, na escola, no caminho para a escola, deixando toda a liberdade para decidir sobre o que registar.

Deste trabalho resultaram imagens extremamente surpreendentes quer pela sua beleza, quer pelo seu significado.

Paralelamente, durante este ciclo, foram ensinadas às crianças das duas escolas e duas ludotecas participantes⁸, algumas das canções recolhidas no 1º ciclo com os idosos, referindo a pessoa que a tinha ensinado. Destaca-se aqui um exemplo:

A preguiça

Quadras recolhidas no Centro de dia de Caldelas - Amares, em 20 de Setembro de 2004, cantada pela Sra. D. Angelina Rosa Vieira.

A preguiça foi à lição
De ver, escrever e contar
Mas deixou a memória em casa Com
preguiça de a levar.

A preguiça foi para costura
Com muito custo sempre costurou
Só para não pôr o dedal
Sempre os seus dedos picou

A preguiça morta de sono
Quase de sono morria
Só para não fechar os olhos
As noites que não dormia.

A preguiça morta de sono
Com muito custo sempre se deitou
Só para não fazer a cama
Nunca mais se levantou

Para terminar o 2º ciclo, as crianças preparam uma apresentação com as canções que haviam ensaiado – que se realizou no Centro Social e Paroquial de Lago – para a qual foram convidados os idosos participantes no 1º ciclo, e que foi aberta a toda a comunidade interessada.

Foi montada, no mesmo local, uma pequena exposição da qual constava uma selecção das fotos recolhidas pelas crianças durante o 2º ciclo.

⁸ A saber: Escola Básica do 1º ciclo de Lago, Escola Básica do 1º ciclo de Rendufe, Ludoteca Municipal de Amares e Ludoteca “Bem Brincar” de Caldelas

Esta pequena festa permitiu juntar idosos e crianças, ensinantes e aprendentes, partilhando dos valores de um património comum, conhecendo-se as gerações que construíram e as que irão continuar essa construção comunitária.

Estes dois primeiros ciclos, foram aqueles que permitiram sedimentar a valorização das origens comunitárias sobre as quais seriam produzidos materiais que permanecessem no tempo, e que servissem de registo de um património que se vai perdendo à medida que as gerações se vão sucedendo.

3º ciclo: “Eu reescrevo-te!”

“Eu reescrevo-te!” é o título do 3º ciclo. Neste ciclo e continuando o trabalho começado no anterior, foi proposto às crianças que escolhessem uma foto das que haviam colhido e escrevessem livremente sobre ela, tendo em vista a preparação de um livro escrito por elas próprias, editado no 4º ciclo. Esta actividade, considero, foi aquela que mais se aproximou do objectivo de promoção da leitura e da escrita, previsto no início do projecto.

Nas fotos escolhidas por cada criança e dos textos, é possível perceber a percepção das crianças sobre o seu ambiente e sobre as questões que valorizam. Assim, algumas focaram-se no trabalho que vinha a ser desenvolvido e escreveram sobre fotos que mostravam objectos antigos, outras foram as que escreveram sobre valores como a amizade, ou que se referiram ao seu quotidiano.

O resultado é extremamente interessante, pois raramente escutamos o que as crianças nos têm a dizer sobre si próprias ou sobre a sua percepção do mundo que as rodeia.

Também neste 3º ciclo, foi ensaiada uma dramatização, com um texto de uma escritora portuense que acompanhou o 1º ciclo, onde se concentrava todo o trabalho e recolha feitos até então. No exercício dramático participaram as crianças das escolas e ludotecas integradas no projecto, e os jovens do Clube Desportivo Recreativo e Cultural Amarense. Foram também convidados quatro actores profissionais e um encenador que asseguraram a coerência do trabalho.

O resultado foi apresentado no largo do Mosteiro de Rendufe, à noite, ao ar livre. Foi um momento de amena convivência que chamou imensa população do concelho, o que surpreendeu, pela positiva, os órgãos do Município não habituados à participação das pessoas nas iniciativas públicas. Contribuíram para isso, a participação das crianças e dos jovens, e o facto de o que ali se apresentava, ser uma espécie de resenha histórica do povo de Amares, com a qual alguns deles se identificavam, ora por si próprios, ora pelos seus próximos.

4º ciclo: “Nós nos apresentamos...”

O produto do trabalho desenvolvido durante o projecto, com vista à perpetuação da memória das gentes de Amares, é divulgado no 4º ciclo denominado “Nós nos apresentamos...”. Consiste na edição de um CD-ROM onde, num registo de certa forma documental, se dá conta do desenvolvimento do projecto «...o caminho das letras». Consiste, também, na edição de um livro resumo do projecto, do livro escrito pelas crianças e de um site na Internet.

Durante o projecto, foi também muito significativa a mobilização e envolvimento de grupos exteriores ao mesmo, como sejam dois grupos de tocadores de cavaquinho (do Inatel e do Ensino Recorrente) que participaram nas apresentações finais do 2º e 3º ciclos respectivamente, e algumas alunas do curso de Animação Sócio-cultural da escola profissional local.

Concluindo

«...o caminho das letras» revelou-se um projecto integrador e mobilizador de uma população que solicitou a repetição das apresentações públicas (do 2º e 3º ciclos) e a realização de outras iniciativas, possibilitando-lhes assim uma (con)vivência comunitária a que estavam um pouco alheios e uma revalorização dos seus saberes e memórias.

Este «... caminho das letras» que previa apenas uma intervenção de nível educativo e cultural, como seja a promoção da leitura, acabou por tomar

contornos maiores e cruzar, mesmo que ligeiramente, uma intervenção comunitária.

Como todos os projectos, «...o caminho das letras» tem falhas. Porém sentimos, pelo *feedback* que recebemos dos participantes, dos animadores e de todas as pessoas com as quais falamos sobre ele, que abre *caminhos* para outras intervenções, outros sentidos, outros projectos.

Gostaria de fazer uma avaliação pessoal do projecto, dado que a avaliação técnica ainda não foi realizada.

Considero que como projecto de promoção da leitura, não conseguiu os resultados esperados, precisamente pelo facto de ter assumido um carácter de intervenção comunitária e, conseqüentemente, ter acolhido outras questões – como seja, a preservação da memória – como centrais.

Porém, ainda referente à questão da promoção da leitura podemos salientar que o facto de as crianças serem autoras de um livro desmistifica a questão da autoria como capacidade especial para escrever, e, por outro lado, aproxima-as mais a esse «mito», o que constitui um factor positivo de auto-estima. Não obstante, a promoção da leitura como objectivo central não ter sido cumprida – pois, como referiu nestes Encontros a Dra Ana Bela Martins, a promoção da leitura ser uma tarefa que tem de ser constante e sistemática – considero que o trabalho primeiro a ser feito, a aproximação à leitura, foi realizado com sucesso. E, mais importante que essa questão, está para mim, a «auto-estima comunitária» que referiu o Dr. Rui D'Éspiney, também nestes Encontros. Como o próprio disse, “a criança que ouve o idoso transfere para o presente, sendo portanto foco de produção cultural”. Assim sendo, as crianças ao apropriarem-se do seu passado comunitário criam relações com o mesmo e portanto, com as figuras do mesmo, ou seja, os seus avós, pais e outros membros da comunidade, o que constitui um factor fundamental de construção identitária.